

NA NOTÍCIA E PARA ALÉM DELA: sobre o conceito de informação no jornalismo

Frederico M. B. Tavares *
Christa Berger**

Resumo

Este texto pretende problematizar a presença da informação nos estudos em jornalismo, apontando para lacunas existentes quando se busca tratar deste conceito de maneira investigativa, para além de sua natureza conteudística. Nesse sentido, realiza-se um encadeamento de aspectos conceituais e históricos dos estudos sobre jornalismo impresso, considerando o papel de destaque que os mesmos possuem na constituição de questões epistemológicas gerais que permeiam esta área científica. No percurso desenvolvido, partindo da notícia como objeto de estudo, algumas noções como a de conhecimento, gêneros textuais e informação jornalística são enredadas a fim de construir um panorama que permita pensar a informação neste contexto e para além dele.

* Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
E-mail: fredericombtavares@yahoo.com.br

** Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professora Titular.
E-mail: christab@unisinis.br

Palavras-chave: Jornalismo. Notícia. Conhecimento. Informação.

I INTRODUÇÃO

No contexto das investigações sobre as manifestações jornalísticas, o cabedal de estudos e teorias (sejam elas normativas ou críticas) está fortemente marcado pelo enfoque na imprensa diária. Por isso, quando se fala em jornalismo impresso, pensando aquele que se imprime numa página e circula pela sociedade, aquele que se volta para a cobertura do cotidiano, o olhar principal encontra-se sobre os produtos jornalísticos noticiosos cujo foco está assentado na apresentação daquilo que acontece no mundo. Relembrando os dizeres de Buitoni (1990), o jornalismo quer mostrar “todo” o mundo, quer dizer “tudo” a respeito de um acontecimento ou questão, assim como quer falar “de tudo”. Mais que isso, como aponta Gomis (1991), os meios de comunicação periódicos formam, a cada dia, o presente social que nos serve de referência. A

mídia, nesse sentido, formaria hoje um círculo de realidade envolvente que se converte em referente diário da vida cotidiana¹.

Neste cenário, a idéia de informação está, com frequência, vinculada à noção de notícia e tem nessa sua origem e explicação. O conceito ou a palavra – “informação” – estão presentes a todo o momento nos estudos jornalísticos, mas pode-se dizer que não há uma grande teoria que se dedique ao termo. Na verdade, expressões como “jornalismo informativo” ou “conteúdos informacionais” aparecem, pode-se dizer, como que já “auto-explicadas” pelo seu vínculo com a notícia. Quando se diz sobre notícia, “automaticamente” se fala em informação para o jornalismo. E isso se dá tanto no jornalismo impresso, quanto em outras manifestações

¹ Sobre os processos de mediação na sociedade ver Berger (2008), Braga (2007), Fausto Neto (2008).

jornalísticas noticiosas. O conteúdo do jornalismo, qual é? A informação da notícia.

O caráter semântico da informação – algo que se verifica empiricamente em diversos âmbitos – apresenta-se trabalhado nas mais diversas áreas científicas, como lembram Capurro e Hjørland (2007). No que diz respeito a estudos desenvolvidos no interior do campo do Jornalismo, por exemplo, a informação periódica nos meios de comunicação é apontada, muitas vezes, como fonte exclusiva na obtenção de conhecimento sobre determinados temas. No entanto, como pensar, no jornalismo, a informação para além dos conteúdos, para além da notícia? Que brechas ou marcos teóricos, no interior das reflexões sobre o jornalismo, aparecem e oferecem pontos de reflexão que permitam tomar a informação como objeto de estudo? Em que medida tais pontos contribuiriam para complexificar um olhar sobre a “ciência jornalística” e seus aspectos epistemológicos mais consolidados a partir da informação?

Para responder a tais questões, que procuram problematizar a presença do conceito de informação desde um viés específico, este ensaio buscará retomar e reunir contribuições que situam teoricamente o jornalismo. Para isso, partiremos de um encadeamento de aspectos conceituais e históricos existentes nos estudos sobre jornalismo impresso, considerando o papel de destaque que os mesmos possuem na constituição de questões epistemológicas gerais que permeiam este campo. Em nosso percurso, partindo da notícia como objeto de estudo, noções como a de conhecimento, gêneros textuais e informação jornalística serão enredadas a fim de construir um panorama que permita pensar a informação neste contexto e para além dele.

2 O JORNAL E O JORNALISMO IMPRESSO

Segundo Landowski (1992), o discurso da mídia busca, por essência, nos informar, sendo responsável por imprimir (literal e figuradamente) uma “forma” à maneira como vivemos e como concebemos o presente que nos cerca. Nesse ambiente, o jornal – e o cotidiano que nele aparece – seria o grande representante da leitura midiática realizada sobre a vida social.

Mesmo sofrendo a concorrência dos outros canais de comunicação [...], o

jornal continua a afirmar sua vocação a nos in-formar de tudo, [...] como se se tratasse de saturar todas as dimensões de nossa presença no mundo. Mas, ao mesmo tempo, e mais (ou melhor) que muitos de seus concorrentes, o jornal se caracteriza como um instrumento excepcionalmente poderoso de *integração* dos múltiplos universos de referência que ele toma como objeto (LANDOWSKI, 1992, p. 117, grifo do autor).

A perspectiva de Landowski parte de uma idéia na qual devemos tomar o jornal como “sujeito semiótico”, cujas marcas o fazem uma “figura social”, capaz de cristalizar de maneira duradoura atitudes de atração ou de repulsão. O autor, diferentemente de muitas perspectivas que olham para o jornal, busca pensar o mesmo de um ponto de vista global, em sua “totalidade de significação”, perguntando sobre seus conteúdos ideológicos, suas estruturas narrativas e suas estratégias de discurso. Levando em consideração três pontos importantes e em contato na e pela superfície da página impressa (tempo, espaço e sujeito), Landowski (1992, p. 124) aponta para possíveis vozes que, no interior do jornal, fazem emanar um certo “tom, um estilo, um efeito de sentido global, de que cada órgão tira sua identidade própria”. Para o autor, poder-se-ia encarar o universo do discurso jornalístico, em seu conjunto,

como um todo cujas partes – isto é, cada jornal tomado em si – se interdefinem em virtude do mesmo princípio de tensão entre uma maneira de ‘escrever’ discursivamente o cotidiano e uma maneira de o ‘descrever’ narrativamente (LANDOWSKI, 1992, p. 124).

Tal observação semiótica aponta para a presença de uma interdiscursividade jornalística que marca a presença do jornal na vida cotidiana e diz como o mesmo condensa metonimicamente uma lógica midiática de captação da vida em sua trivialidade, marcando na mesma um lugar próprio e constituinte. A “integração” pelos universos temáticos coloca o jornal no centro do sistema social e de sua dinâmica, revelando, mesmo que do ponto de vista dos significados, uma função social do jornalismo através de sua manifestação materialmente impressa².

² Berger (2003, p. 45 – 48) esmiúça a perspectiva de Landowski retomada acima.

Numa perspectiva sociológica, o jornal também tem servido de exemplo para se pensar o jornalismo e seu funcionamento (nele mesmo e na sociedade), algo bastante ligado também a atribuições relativas à sua função social.

Em seu texto “A história natural do jornal”, Park (2008a), indica o desenvolvimento do jornal como instituição social e os condicionamentos históricos que permitiram ao mesmo adquirir sua “forma moderna”. Na verdade, como aponta Berganza Conde (2008, p.30), Park concebe o jornal,

Menos como uma instituição (entendida como estrutura social) e mais como um organismo vivo imerso em um processo contínuo de adaptação às necessidades sociais dos indivíduos e grupos dentro de uma sociedade crescentemente urbanizada. Nesse quadro, o princípio darwinista da luta pela existência é interpretado por Park, no caso do jornal, como a luta por aumentar a circulação (PARK, 2008a, p.44).

Ao longo de sua recente história, de boletim local no século XVII, passando pelos jornais políticos e partidários do século XVIII e parte do XIX (jornais de opinião), o jornal alcançou sua forma noticiosa dominante nas primeiras décadas do século XX. Como diz Park (2008a, p.44), nessa época, “o homem comum estava mais interessado na notícia do que em doutrinas políticas e abstratas”. O crescimento da cidade e a dinâmica da vida urbana “solicitavam” uma imprensa que dissesse o que estava acontecendo e o que era necessário saber. O jornalista dos jornais partidários, “dos velhos tempos”, estava inclinado a ter um desprezo pela notícia. “Para ele a notícia era simplesmente o material em cima do qual ele iria basear um editorial. [...] Ele se recusava a assumir a responsabilidade de permitir que seus leitores ficassem sabendo de coisas que ele sabia que não deveriam ter acontecido” (PARK, 2008a, p. 44).

Assim, com a entrada definitiva da notícia como produto da produção diária nos jornais, passa a existir um outro jornalismo, que não apenas define o que seria noticiável, mas que também valoriza de uma outra forma o significado dessa seleção. Nesse cenário, figurava uma preocupação de dois âmbitos: 1) com a opinião pública e a necessidade de, para a formação da mesma, existir uma imprensa de

notícias livre e independente – que valorizasse, pois, a democracia – e 2) com a integração social a partir da leitura dos periódicos, favorecendo a inserção dos indivíduos na vida social e política.

No primeiro âmbito, que diz da transparência e da liberdade de imprensa, Park (2008a) aponta para o fenômeno jornalístico sob a ótica da produção do conhecimento (aquilo que oferece o conteúdo noticioso), do desenvolvimento histórico (como vimos acima), e do ponto de vista do papel político da notícia. No segundo âmbito, da integração social, o autor evidencia não apenas a idéia da notícia como “forma integradora”³, mas também de controle. De acordo com Park (2008), a notícia, como “algo que faz as pessoas falarem”,

[...] tende a possuir “o caráter de um documento público e está limitada de um modo característicos a eventos que causam mudanças súbitas e decisivas. Atenção exclusiva voltada para algumas coisas, inibe respostas a outras resultando na limitação do alcance e caráter da notícia à qual a sociedade irá reagir coletiva ou individualmente. A função da notícia é orientar o homem e a sociedade no mundo real (PARK, 2008, p. 51).

Park, como indicam Marocco e Berger (2006, p.8), dizia que à semelhança das formas ancestrais de controle social – boatos e falatórios – os jornais “dão o que falar e pretendem preservar uma certa sanidade dos indivíduos, sanidade entendida como a condição de integração na sociedade”. Ou, em outras palavras, notícias e jornais seriam vistos pelo autor como mecanismos normativos que tenderiam a manter os indivíduos dominados por um estado de espírito comum, que lhes determinaria atitudes, tendência de agir e interesses (MAROCCO; BERGER, 2006). Tais características, que partem do caráter “essencial” da relação jornal, notícia e vida urbana, deixam evidentes dois pontos muito importantes, que marcarão – e marcam – as concepções teóricas sobre o jornalismo em geral: 1) a idéia de que os jornais definem certa ordenação sobre os temas da vida cotidiana, desempenhando aquilo que Park chamou de “a função mediadora das

³ Na perspectiva de Park (2008a) encontra-se uma noção intrínseca da informação como algo que “in-forma”, dá forma aos conteúdos.

notícias”⁴ e 2) a idéia de que os jornais salientam o que sai da normalidade, não com fins de perturbar a razão social, mas buscando criar formas e maneiras de situar os sujeitos no mundo (as notícias tendem a orientar os cidadãos), informando-os; estabelecendo, indiretamente, em ambos os pontos, o que é relevante ou não para ser noticiável.

As perspectivas acima esboçadas ajudam-nos a alcançar um aspecto importante da discussão sobre o jornalismo. Não apenas aquele que aponta para as características técnicas dessa prática e de seu lugar no mundo social, mas, de um ponto de vista epistemológico, para o significado de sua produção, consumo e circulação a partir de seu principal referente – a realidade (ALSINA, 2005) – e de seu principal produto – a notícia –, seja qual for sua materialização. Ambos direcionando um ponto em comum que os perpassa: a presença de uma idéia sobre informação jornalística como conteúdo principal da prática noticiosa, “dotado” de funções sociais e significantes.

3 A NOTÍCIA NO JORNALISMO

Os estudos jornalísticos (ou teorias daí advindas), como aponta Traquina (2001), têm por questionamento central a seguinte pergunta: “Por quê as notícias são como são?”. Nestes, busca-se entender como o produto final da atividade jornalística – a notícia – é formado, quais etapas e processos envolvem sua produção, quais contextos e ambientes perpassam sua elaboração, quem é o profissional que o produz, e, principalmente, quais são os referentes, a matéria-prima para a sua existência. As notícias são vistas como fruto dos acontecimentos que irrompem no cotidiano e que, entrelaçados no ambiente midiático-jornalístico, assumem dimensões e “roupagens” de acordo com os regimes de “visibilidade” e “noticiabilidade” que passam a envolvê-los. Há nesse processo uma “ação informadora”, resultado da convergência de uma série de forças, tais como: ações pessoais, ações sociais, ações ideológicas, ações tecnológicas, ações culturais, ações físicas e ideológicas; todas elas mutáveis e/ou intercambiáveis, ou seja, nunca estanques (SOUSA, 2002).

4 “O que Park quer dizer com isso é que a notícia se esforça para capturar a mente do público e dirigir a sua atenção para determinados acontecimentos relacionados com o insólito e com o inesperado” (MAROCCO; BERGER, 2006, p. 14).

Segundo a teoria, a notícia, enquanto um produto, não se esgota na sua produção – fase que compreende basicamente a coleta, seleção, processamento e hierarquização de dados – mas “[...] essa é a etapa que mais concentra as atenções dos estudiosos, paradoxalmente talvez porque é a menos visível” (SOUSA, 2002, p. 13). Assim, nestes estudos, busca-se, por meio de análises da produção noticiosa e da notícia em si, ver o jornalismo e ao mesmo tempo mostrá-lo.

Nas primeiras reflexões históricas sobre o jornalismo, tomando a sua produção como objeto, figurava a idéia de objetividade casada à imagem do jornalista como observador neutro e privilegiado na sociedade, perspectiva que caracterizava o profissional e os meios como “comunicadores de fatos”, “divulgadores de informações”. Um ponto de vista que relacionava a lógica jornalística à lógica especular, onde o jornalismo e os jornalistas atuavam (ou funcionariam) como espelhos da realidade, reflexos do que acontece na sociedade. Havia aí a construção de certa ideologia para o campo, cujo principal reflexo estaria justamente na formatação de um lugar social para o jornalismo. As reflexões que se encontram neste primeiro momento (a idéia de um “jornalismo informativo” no final do século XIX e depois a de um “jornalismo objetivo”, principalmente nas décadas de 1920 a 1940) são decisivas por marcarem um primeiro mapeamento das relações jornalísticas na sociedade.

No avanço das “teorias”, muda-se a perspectiva com que se olha para o referente e o tratamento que se dá a ele no interior das rotinas e ambientes da produção noticiosa. Da fase de “absoluta objetividade”, que marcou de maneira positivista a construção de um significado de informação que ainda hoje permeia o campo jornalístico⁵, alcança-se uma perspectiva na qual os jornalistas não seriam “[...] simplesmente observadores passivos, mas participantes activos no processo de construção da realidade” (TRAQUINA, 1993, p. 168); e as notícias, portanto, seriam narrativas que contam a realidade, o que não as torna, vale dizer, um produto ficcional.

5 A idéia de um jornalismo objetivo está diretamente relacionada a outros conceitos caros à realidade empírica e teórica do jornalismo como, por exemplo, o conceito de verdade. Tambosi (2005) aproxima a noção de verdade à de informação no jornalismo ao falar sobre a produção do conhecimento na sociedade.

Exponente dessa perspectiva construtivista, Tuchman (1983), baseada nas teorias fenomenológicas da construção social da realidade, analisou a produção cotidiana dos jornais e a fabricação das notícias, destacando suas etapas de construção, sua presença em uma “teia de facticidade” e “noticiabilidade”, estando sujeita a uma série de constrangimentos – a autora evoca aqui a figura do *gatekeeper* – institucionais e sociais. Menos que objetivo ou impessoal, o jornalismo e as notícias deveriam ser vistos, portanto, como produtos de um processo – o *newsmaking* – onde o jornalismo não seria o espelho da realidade, mas sim uma forma de conhecimento social, que constrói diariamente o mundo que nos cerca⁶. Ao descrever um fato, a notícia o define, fornecendo, ao mesmo tempo, elementos para a interpretação da realidade. Deixando de lado a metáfora do espelho, Tuchman diz ser o jornalismo uma janela para o mundo, de onde se pode vê-lo.

A notícia não espelha a sociedade. Ajuda a constitui-la como fenômeno social compartilhado, uma vez que no processo de descrever um acontecimento, a notícia define e dá forma a esse acontecimento. [...] A notícia está definindo e redefinindo, constituindo e reconstituindo permanentemente fenômenos sociais (TUCHMAN, 1983, p. 197-198, tradução nossa).

Gomis (1991) relembra e critica ambas as metáforas – a do espelho e a da janela – e propõe pensar o jornalismo sobre uma outra ótica. Para o autor, o espelho diz de algo imediato e sem intervenções, o que, segundo ele, seria impossível pelo jornalismo, a começar por sua mediação tecnológica e material. Já a janela, diria respeito ao acesso a algo exterior, independente, que estaria de fora. Na janela, “passa o que passa, não o que nós decidimos que está passando. Já no caso dos meios de comunicação, são eles que decidem o que está passando, qual imagem da realidade exterior vão produzir e oferecer a seus espectadores” (GOMIS, 1991, p. 17, tradução nossa). Nesse sentido, como aponta o autor, nem o espelho e nem a janela dão conta, como imagens, de explicar a mediação da vida social realizada pelo jornalismo por meio da linguagem.

⁶ Ver também Moura (2006) e Wolf (2002).

Numa perspectiva que contempla a questão discursiva, inserindo-a num contexto mais amplo, Sousa (2002, p.13), diz que a notícia constitui-se como um conjunto de “artefatos lingüísticos que procuram representar determinados aspectos da realidade e resultam de um processo de produção e fabrico onde interagem, entre outros, diversos fatores [...]”. A notícia, diz o autor, traz consigo uma novidade que tem sentido compreensível em determinados contextos (históricos e socioculturais), sendo o leitor/receptor, responsável por reconhecê-lo e por atribuir-lhe seu último significado. Nessa direção, releva-se, portanto, que as notícias, produtos jornalísticos, resultado de um discurso elaborado de forma complexa, além de representar determinados aspectos da realidade cotidiana, “pela sua mera existência, contribuem para construir socialmente novas realidades e novos referentes” (SOUSA, 2002, p. 13).

Também de um ponto de vista da linguagem, Alsina (2005) diz ser a notícia, em seu conceito tradicional, a narração de um fato, a conversão de um fato em um texto. Na concepção do autor, converter um fato em notícia

[...] é uma operação basicamente linguística, que permite imprimir determinado significado a uma sequência de signos verbais (orais ou escritos) e não verbais, é a tarefa específica de alguns homens e mulheres que atuam como operadores semânticos: os jornalistas (ALSINA, 2005, p. 331, tradução nossa).

Alsina, nesse sentido, aponta uma definição: “notícia é uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (ALSINA, 2005, p. 334, tradução nossa).

Apesar da multiplicidade de definições existentes para o conceito de notícia⁸ – não existindo uma noção que seja universal –, e considerando as perspectivas que marcam a visão sobre a presença do jornalismo na sociedade, bem como as formas de se pensar o mesmo, fica exposta no conjunto aqui apontado uma idéia

⁷ Para Alsina (2005), o “mundo possível” será aquele mundo que constrói o jornalista tendo em conta o mundo “real” e um mundo de referência escolhido, baseado em fatos e nas características destes.

⁸ Ver outros exemplos em: Erbolato (2002), Fontcuberta (1993), Genro Filho (1987), Lage (1999), Lustosa (1996), Medina (1988), Mouillaud (2002a, 2002b), Pena (2005).

relevante: compreender o jornalismo significa dimensionar e entender alguns processos de construção de sentido no interior de um campo profissional específico e bastante singular, cuja abrangência não se esgota nele mesmo.

Diante da “noção-síntese” de jornalismo como o “fazer notícias” e de jornalistas como aqueles que diariamente olham para o mundo em busca do novo, a idéia de informação jornalística aparece pouco trabalhada. Tanto pela herança histórica que marca as teorias da área, afirmando a informação como conteúdo da notícia e do trabalho jornalístico sendo, por isso, uma questão, de certa maneira, “resolvida” (ao jornalismo cabe informar); quanto pela natureza das investigações da área que, ao tomarem a notícia como objeto, preocupam-se muito mais com a estrutura desta, desconsiderando, de certa forma, a necessidade de se pensar uma idéia de informação como algo anterior ao conteúdo jornalístico, apesar de ser dele também resultante.

Duas propostas procuram realizar uma diferenciação entre os termos. Muñoz Torres aponta:

À primeira vista, a expressão “informação jornalística” poderia parecer redundante, e de algum ponto de vista pode até ser. No entanto, não é assim se a observamos a partir de outra perspectiva. Se tomado em sentido lato, o termo “informação” que procede da teoria matemática da comunicação⁹ indica que nem toda informação é jornalística, mas somente aquela que, por reunir algumas características determinadas, é difundida através dos meios de comunicação. Neste sentido, qualquer tipo de conhecimento presente em um suporte material pode ser considerado informação (um tratado de química, por exemplo). Só quando essa informação é digna de “consideração pública”, pela sua relevância para o conjunto da sociedade (por sua importância ou seu interesse), pode ser considerada “jornalística”; ou seja, suscetível de aparecer nos meios informativos. (MUNOZ TORRES, 1997, p. 29, tradução nossa)

9 “Me refiro ao conceito de informação entendido como a medida da probabilidade de que um receptor receba uma determinada mensagem, dentre um conjunto de mensagens possíveis, por parte de um emissor. O valor mais alto (1) do conteúdo informativo se relaciona à mensagem menos provável e o mais baixo (0) à mais provável. A obra, referência obrigatória sobre este conceito de informação é: SHANNON, C.; WEAVER, W., *The Mathematical Theory of Communication*, Urbana, U. of Illinois Press, 1949” (MUNOZ TORRES, 1997, p. 29, tradução nossa).

Nilson Lage (2005) também tenta diferenciar a noção de notícia à de informação jornalística, apontando para a segunda como algo maior e mais abrangente.

O conceito de notícia – em que pese o uso amplo da palavra *news* (notícia) em inglês – pode ser, assim, substituído pela expressão *informação jornalística*. Essa expressão [...] não é apenas uma estruturação de dados convenientemente tratados, como na informática ou na inteligência militar, que opõe informação (relato consistente, envolvendo análise) a informe (relato episódico). É mais do que isso: é a exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente. Difere da notícia porque esta, sendo comumente rompimento ou mudança na ocorrência normal dos fatos, pressupõe apresentação bem mais sintética e fragmentária (LAGE, 2005, p. 112 – 113, grifo do autor).

Os dois autores trazem questões interessantes. Muñoz Torres (1997), mesmo afirmando a condição “conteudista” da informação, aponta para a qualidade de informação jornalística como algo que deve ser pensado como resultado de processos valorativos na construção da notícia. Ou seja, a informação jornalística assim o é, não pelo conteúdo apenas e nem por sua presença em um periódico; mas também pelo fato de ter sido construída com base em um “aparato” profissional. Assim, acrescentam-se ao conteúdo alguns “parâmetros jornalísticos”.

Nilson Lage (2005), apesar de realizar uma distinção menos clara entre informação, informação jornalística e notícia, chama a atenção para aspectos textuais e coloca a informação como algo que, no jornalismo, também está para além da notícia. Um ponto interessante para se pensar, por exemplo, objetos jornalísticos que não sejam, necessariamente, noticiosos; ou melhor, que não se atentem somente para os acontecimentos do mundo, mas para questões e temas mais amplos (algo muito comum em grandes reportagens).

Neste cenário, sem adentrar na especificidade de outras manifestações empíricas (textuais) do jornalismo, vale a pena tê-las como horizonte, observando o que as mesmas sugerem de um ponto de vista reflexivo. Para isso,

como percurso teórico, optaremos a seguir por tensionar alguns aspectos existentes nas noções de conhecimento jornalístico e de produção da informação. Na relação aí constituída – que se singulariza nos mais diversos produtos e ultrapassa, sob certos aspectos, alguns parâmetros da notícia – outras formas de olhar a informação jornalística ganham visibilidade e/ou podem ser pensadas, ampliando os sentidos a serem considerados quando se tem a mesma como foco, e permitindo pensar a idéia de conhecimento presente na informação a partir do universo do jornalismo.

4 ENTRE A NOTÍCIA E O CONHECIMENTO: PARA PENSAR A INFORMAÇÃO

Um dos textos inaugurais da idéia de “jornalismo como conhecimento” ou de “conhecimento jornalístico” é o ensaio de Robert E. Park, “A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento”, onde o sociólogo e jornalista tenta apontar para dois aspectos: que tipo de conhecimento as notícias produzem e oferecem e quais são suas características.

Park (2008b) parte de duas concepções do filósofo e psicólogo norte-americano William James para formular seu pensamento. Segundo James, que foi professor de Park em Harvard, há duas formas básicas de conhecimento: a de familiaridade com as coisas (*acquaintance with*) ou “conhecimento de” e conhecimento das coisas (*knowledge about*) ou “conhecimento acerca de”. A partir dessas duas idéias, o autor situa as notícias como uma espécie de conhecimento intermediário entre o primeiro saber apontado por James, mais tácito, do senso comum ou da prática, e o segundo, mais sistemático, formal e científico. Diz Park:

O que aqui descrevemos como *acquaintance with* e *knowledge about* são consideradas formas distintas de conhecimento – formas com funções diferentes nas vidas dos indivíduos e da sociedade – um conhecimento do mesmo tipo, porém com diferentes graus de precisão e validade. Não são, entretanto, tão diferentes em caráter e função – pois afinal são termos relativos – que não podem ser concebidos constituindo um *continuum* dentro do qual todos os tipos e espécies de conhecimento encontram

um lugar. Em tal *continuum* a notícia tem localização própria. (PARK, 2008b, p. 58, grifos do autor).

Park situa a notícia como algo que possui um interesse pragmático para o leitor, abordando sobre eventos que causam “mudanças súbitas e decisivas, quase sempre” (PARK, 2008b, p. 64), e cuja função poderia ser associada à mesma exercida pela percepção no indivíduo: “não apenas informa, mas orienta o público, dando a todos a notícia do que está acontecendo” (PARK, 2008b, p. 60). Este ponto de vista “parkiano” associa-se à idéia de “manutenção da ordem social”, que aponta para o jornalismo como voltado para a manutenção do controle social, preservando a cordura do indivíduo e sua integração na sociedade (BERGANZA CONDE, 2000).

O artigo de Park sofreu desde a sua publicação original de 1940, uma série de críticas e revisões. Berganza Conde (2008), por exemplo, aponta para a ausência no texto de um esclarecimento do próprio Park, que diga se as notícias, ainda que constituam em si mesmas uma forma de conhecimento, estão mais próximas ao *knowledge about* ou *acquaintance with*.

A autora elenca outros estudiosos dessa perspectiva parkiana, apontando trabalhos que ora tentam associar a notícia a um dos dois conceitos de William James apontados por Park, ora tentam criar um conceito “meio-termo”, que permita situar a notícia no “entre” dos pólos científico e do senso comum. No entanto, apesar das críticas, Berganza Conde (2008) reforça algumas idéias interessantes levantadas por Park e que posteriormente foram melhor trabalhadas em outros estudos jornalísticos. A primeira delas é a de que “os meios dirigem a atenção do público”, o que está apontado acima. E uma segunda que diz da consideração do autor sobre o processo cognitivo gerado pelas notícias, ajudando o indivíduo a interpretar a realidade que o rodeia, ainda que não a interpretem por si mesmas. Neste caso, deve-se ressaltar o fato de que ao falar do conhecimento das notícias, o autor não estava considerando outras formas de jornalismo como o investigativo e o interpretativo; formas que ele mesmo trabalharia posteriormente ao tratar das “grandes notícias”.

Park, no entanto, relembra Berganza Conde (2005), por ter como interesse também a temática

da migração nos grandes centros urbanos norte-americanos refletiu sobre a produção de conhecimento pelas notícias, considerando a diferença entre os meios e suas funções. Segundo o autor, a mídia – especialmente a jornalística – atuaria na transmissão da cultura por meio da difusão noticiosa. Nessa preocupação específica de Park desponta um aspecto relevante para pensarmos, criticamente, o jornalismo em sua pluralidade: “os diferentes meios de difusão comunicam de formas distintas o conhecimento” (BERGANZA CONDE, 2005, p. 25, tradução nossa).

Genro Filho (1987), menos preocupado com uma tipologia do conhecimento noticioso, olha criticamente – sob um viés marxista – para a função da notícia apontada por Park, situando-a numa lógica pragmática e positivista.

Em que pesem algumas sugestões criativas de Robert E. Park, as bases funcionalistas do referencial teórico que ele adota e, inclusive, suas opiniões explícitas sobre a ‘função’ da notícia, não deixam qualquer dúvida sobre o conteúdo conservador e limitado de suas concepções (GENRO FILHO, 1987, p. 68).

Apesar de concordar com Park sobre o “funcionamento” da notícia dentro da sociedade e sobre o fato de que, realmente, a mesma produz um “gênero de conhecimento”, o professor brasileiro analisa a perspectiva parkiana como limitada a preceitos ideológicos da sociedade capitalista burguesa, associando o conhecimento noticioso a uma perspectiva mais empiricista e utilitarista, dado seu pragmatismo. Algo que, segundo Genro Filho (1987), não deveria ser diferente, considerando que Park tem como ponto de partida o pensamento, também positivista, de William James.

Ultrapassando essa discussão, mas também olhando de maneira crítica sobre ela, Meditsch (1997) situa a discussão de Park num quadro triplo de abordagens do jornalismo como conhecimento. Para o professor, a primeira abordagem nasce

[...] da definição de conhecimento não como um dado concreto, mas como um ideal abstrato a alcançar. Uma vez estabelecido este ideal, passa a ser parâmetro para julgar toda a espécie de conhecimento produzido no mundo humano” (MEDITSCH, 1997, p. 1).

Nesta perspectiva, que “entronizava a grande ciência”, o jornalismo figuraria como uma prática depreciativa de saber. Seus métodos não permitiriam a produção de um saber realmente válido. O jornalista, nesta visão, por falar de “tudo” sobre o mundo, acabaria falando de “nada”.

Uma segunda forma de abordagem, onde estaria inserida a perspectiva parkiana, segundo o autor, seria aquela que já situa o jornalismo como uma ciência menor, mas não de todo inútil. “Impera” nessa perspectiva uma idéia que coloca o jornalismo na gradação intermediária entre o senso comum e o saber científico, algo que é defendido, como aponta Meditsch (1997), por muitos jornalistas e intelectuais contemporâneos.

Uma terceira abordagem busca superar essa localização intermediária e ao mesmo tempo indefinida do conhecimento jornalístico, dando mais ênfase não ao que o jornalismo teria de semelhante às ciências, mas ao que ele teria de único e original. Para esta terceira abordagem, “o Jornalismo não revela mais nem menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. E ao revelar diferente, pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar” (MEDITSCH, 1997, p. 3). Tal diferenciação estaria diretamente ligada ao fato de o jornalismo não só produzir, mas reproduzir não apenas o conhecimento que ele próprio produz, mas também aquele que é produzido por outras instituições sociais. Nessa abordagem, alguns pressupostos e características são relevantes. A dimensão cultural, social e lingüística da notícia, que caracterizam sua produção, sua recepção e circulação são alguns deles.

Como dissemos, não se pode tomar a notícia como espelho ou janela da realidade e, isso deve servir de compreensão para a dimensão do conhecimento que ela produz e reproduz. Além disso, não há como desvalorizar a presença do senso comum neste processo, tanto nos saberes que o compõem, quanto na sua dimensão cognitiva no que diz respeito ao consumo do que é produzido e relatado. Tais características, que servem de pano de fundo para situarmos esse lugar próprio do conhecimento jornalístico – e que de certa forma encontram-se nas reflexões da teoria da notícia apontadas anteriormente – também devem nortear a percepção de alguns problemas e efeitos do conhecimento jornalístico.

Primeiramente, deve-se considerar a dimensão construtiva que envolve este conhecimento e que, portanto, afasta-o da “verdade racionalista” da ciência. Outra questão, como aponta Meditsch (1997), diz respeito ao pouco acesso do público à maneira como se produz o material noticioso. Outros dois aspectos problemáticos e relevantes estão na velocidade da produção deste conhecimento e na sujeição deste a um processo de espetacularização (no sentido de uma persuasão junto a um público). Por fim, no que diz dos efeitos, ainda é pouco possível medir até que ponto o conhecimento jornalístico afeta os sujeitos que o recebem, assim como determinar seu grau de influência sobre a sociedade.

De qualquer forma, aponta Meditsch (1997), é pertinente considerarmos o jornalismo com forma de conhecimento¹⁰, opinião que também defendemos do ponto de vista de que nele se produz e reproduz – singularmente – um conjunto de conteúdos que dizem da sociedade e que estão na sociedade. A presença do jornalismo no contexto da midiatização e a maneira de inserção do mesmo é significativa para pensarmos os adensamentos aí existentes, sendo a questão do conhecimento um destes elementos.

Sob este foco é que se pode retomar a discussão sobre a idéia de informação e sua presença no interior do jornalismo. O que diz respeito à maneira como se dá essa produção, principalmente em relação ao texto produzido.

Ao conceito de informação jornalística, como apontado acima, tem predominado a associação à idéia de notícia. De um ponto de vista textual e discursivo, o que é dito como informativo diz respeito, majoritariamente, à leitura noticiosa do mundo. Como nos diz França (1998, p.30): “Essa é a característica da informação jornalística: sua ligação com o mundo. É por isso que as noções de fato, de acontecimento, constituem sempre o ponto de partida natural da palavra jornalística e do discurso da informação”.

No entanto, diz a autora:

O conceito de fatos, acontecimentos, não é suficiente, em si mesmo, para explicar a informação jornalística. Dissemos que os acontecimentos constituem a matéria-

prima da informação; mas é preciso dizer também que o singular constitui ainda a matéria-prima do jornalismo. Ele diz a realidade, não no que ela tem de universal (movimento que anima a ciência), nem através do particular (instância que alimenta as conversações comuns do cotidiano). No jornalismo, o particular e o universal, negados como traços de hegemonia, são mantidos no horizonte do conteúdo de seu discurso, o “singular”, quando ativa o sentido, contraria a regularidade e aparece como novo e único, que vem selar esse contrato de palavra (FRANÇA, 1998, p. 32).

Na cobertura cotidiana da realidade realizada pelos periódicos, a informação, pela novidade, representa o mundo. Como aponta Mouillaud (2002a, p. 38), é aquilo que é possível e legítimo mostrar, como também “o que devemos saber, o que está marcado para ser percebido”. Nesse sentido, a informação, traz consigo um conteúdo e um enquadramento, ou, sob o viés do compartilhamento dos sentidos, um “efeito de verdade”, tal como aponta Charaudeau (2006).

Charaudeau (2006, p. 43), quando fala dos “saberes de conhecimento”, ou seja, das formas de conhecimento “que procedem de uma representação racionalizada da existência dos seres e dos fenômenos sensíveis do mundo”, aponta para a aprendizagem humana na convergência entre o tradicional binômio composto pelo saber tácito, prático, do senso comum e o saber organizado, científico e técnico. Os conhecimentos daí advindos, filtrados pela experiência “social, cultural e civilizacional”, estariam classificados, segundo o autor, em três categorias: existencial, evenemencial e explicativa.

A explicação do autor permite retomar a perspectiva de associação entre as noções de informação e conhecimento numa lógica que seria anterior à da produção noticiosa. No momento em que se olha para essa lógica e ao mesmo tempo toma-se a “informação informativa” (aquela que, na mídia, estaria ligada aos acontecimentos), parece possível, através da observação textual (discursiva), perceber como outras formas e tipos de informação podem ser geradas. No tensionamento entre as lógicas do conhecimento e as lógicas do conhecimento noticioso, que conhecimento jornalístico pode ser visto? Entre

¹⁰ Ponte (2005) recupera as reflexões de Meditsch, somando-as às de Charaudeau (*Le Discours d'Information Médiate*) para falar de um conhecimento próprio e singular do e no jornalismo.

um pólo e outro, que noção de informação pode ser pensada e como alcançar a mesma?

Nesse momento, mais que olhar para o que é dito, para os referentes – sejam eles temas ou acontecimentos –, é válido pensar como os mesmos são ditos. Não se deve com isso torná-los prescindíveis, mas antes de alcançá-los semanticamente, refletir como os mesmos se dão. E tal condição, pensamos, solicita a reflexão e o tensionamento sobre duas questões que dizem respeito tanto à vocação do jornalismo na interpretação da vida social, quanto aos gêneros textuais que o compõem e fazem com que tal interpretação se processe de distintas maneiras. É quando torna-se explícita, dentro do jornalismo, a idéia de informação jornalística de um ponto de vista textual. Segundo Gomis,

[...] uma consideração um pouco atenta à atividade que se exerce nos meios leva à conclusão de que o jornalismo é um fenômeno de interpretação e, mais exatamente, a um método para interpretar periodicamente a realidade social que envolve o homem, método que comporta hábitos e suposições (GOMIS, 1991, p.36, tradução nossa).

Para o autor, a realidade social, grande referente para o jornalista, solicita deste a compreensão e a expressão daquilo que a envolve. O jornalista, por isso, como “operador semântico”¹¹ deve codificar linguisticamente a “realidade bruta” elaborando mensagens acerca dela.

O jornalismo é, pois, um método de interpretação. Primeiro, porque escolhe, entre tudo o que acontece, aquilo que considera “interessante”. Segundo, porque interpreta e traduz em linguagem inteligível cada unidade da ação externa que decide isolar (notícia) e, além disso, distingue nela entre o que é mais essencial e interessante (apontado no *lead* ou primeiro parágrafo e destacado no título) e o que é menos. Terceiro, porque, além de comunicar as informações assim elaboradas, trata também de situá-las e ambientá-las para que sejam compreendidas (reportagens, crônicas) e de explicá-las e julgá-las (editorial e, em geral comentários) (GOMIS, 1991, p. 38, tradução nossa).

Essa perspectiva, que deixa claro também uma postura mediadora e construcionista, apesar de não abandonar o jornalismo em sua forma tradicional, da “informação informativa”, expõe a idéia de interpretação em suas duas dimensões. A dimensão das próprias operações (técnicas e de linguagem) e a dimensão textual. Segundo Gomis (1991), a interpretação periodística está baseada nos seguintes pressupostos: a realidade está fragmentada em períodos e neste contexto cabe ao jornalismo falar sobre o atual; a realidade disposta em fatos pode ser captada em textos breves e autônomos, as notícias; a realidade captada pelo jornalismo deve ser passível de assimilação em diferentes situações; a realidade interpretada deve “encaixar” tempos e espaços; e, por fim, deve chegar ao público filtrada por certos gêneros de texto que variam, basicamente e de maneira complementar, entre a forma da “informação pura” e a do comentário, ou seja, entre a informação e a opinião.

Assim, do ponto de vista do autor, os gêneros jornalísticos, no contexto do jornalismo como “intérprete” da vida social, estariam ligados a duas necessidades básicas do público midiático: a de estar informado e a de carecer de opiniões que ajudem a refletir e comentar sobre o mundo. Tal classificação dupla, menos que invalidar a capacidade interpretativa da notícia – já que há quem diga que na opinião, no comentário é que persistiria verdadeiramente a interpretação – coloca em evidência tipos distintos e textuais de se olhar para o jornalismo como leitor da realidade. Evidenciando também uma distinção clássica, no jornalismo, entre o informar e o opinar.

Historicamente, a idéia de gênero jornalístico e a sua divisão recorrente entre informação e opinião, serviram para consolidar o papel de certos formatos de texto no interior da produção jornalística, assim como permitiram o surgimento de outros gêneros que deslocaram, inclusive, o lugar (ou a forma) da interpretação propriamente dita realizada pelo jornalismo. Se num primeiro momento do jornalismo predominou a opinião, com os jornais ideológicos, seguidos posteriormente da fase objetiva e informativa – com a valorização dos relatos “imparciais” dos acontecimentos do cotidiano –, nas últimas décadas do século XX, com a virada lingüística e sociológica sobre o pensamento jornalístico e com a expansão dos veículos de comunicação (principalmente os eletrônicos e

11 Ver também Martínez Albertos (1972).

digitais), um outro gênero, chamado ele próprio de interpretativo ou explicativo¹², passou também a ser considerado¹³.

Para Martínez Albertos (1972), caberia ao jornalismo explicativo ajudar o público a distinguir entre o “verdadeiro e o falso”, colaborando para a “digestão intelectual” do leitor mediante a exposição de um contexto coerente, no qual as notícias (desde as mais simples) tenham sua “verdadeira e adequada” significação.

Da teia que aí se forma – entre conhecimento, interpretação e texto jornalístico – é possível construir uma espécie de “óculos” para pensar o jornalismo para além da notícia. O que não significa simplesmente uma troca de objetos jornalísticos, mas a busca por complexificar as dimensões dos processos informativos e potencialmente investigativos por eles engendrados. Algo que, do ponto de vista conceitual sobre a informação, indica algumas questões.

Se no jornalismo a informação encontra-se atrelada originalmente à idéia de notícia, estando aí, muitas vezes, como algo pouco discutido; no momento em que se complexifica o conceito

noticioso, apontando para sua relação com o conhecimento, outras formas de se ver e pensar a informação se explicitam.

A informação, mesmo que de forma não problematizada, aparece mais explícita e passa a ser pensada, com destaque, a partir de questões textuais e discursivas que dizem muito mais de processos que conteúdos. Algo que oferece outros percursos mais concretos e abstratos para uma crítica que busque, no jornalismo, uma outra fonte para pensar a informação.

Nesse cenário, a idéia de informar como um ato de seleção e avaliação – perspectiva compartilhada pelo campo da Comunicação e da Ciência da Informação, como apontam Capurro e Hjørland (2007) – tangencia os dizeres sobre o conhecimento que se constrói e se comunica a partir da notícia. No entanto, a observação do material noticioso no que há de “informativo” ou “informacional” antes de ser jornalístico, é algo pouco discutido nos estudos sobre “a informação periódica e midiática”. Uma questão, portanto, que pode ser pensada – ainda hoje – como ponto de partida para sua análise. Um caminho. Entre muitos.

ON AND BEYOND THE NEWS : about the concept of information in journalism

Abstract

This paper aims at discussing the presence of information in Journalism studies, pointing to some existing gaps when an investigative search about the topic is carried out beyond its content dimension. Hence, it is developed a chain of conceptual and historical aspects in print journalism researches, considering the important role that they have in the formation of general epistemological issues that permeate this scientific area. In this way, taking news as an object of study, some concepts such as knowledge, journalistic information and textual genres are entangled in order to build a panorama which allow the thinking of information in such context and beyond it.

Keywords: Journalism. News. Knowledge. Information.

¹² “Depois da Segunda Guerra Mundial aparece um novo tipo de jornalismo: o de explicação. Este pretende ocupar um novo tipo de espaço informativo no qual já coexistem outros meios de comunicação que informam com maior rapidez [...]. O jornalismo de explicação aborda os fatos em profundidade e utiliza equilibradamente os gêneros básicos (relato e comentário), contextualizando-os em uma nova perspectiva mediante a qual o leitor encontra os juízos de valor situados de forma imediata ao lado da narração dos fatos” (FONTCUBERTA, 1993, p. 103, tradução nossa). Como aponta Quesada Pérez (1998, p.25, tradução nossa), o nascimento “do jornalismo explicativo, que incorpora ao dado noticioso elementos valorativos, documentais, interpretativos e também uma boa dose de opinião, provoca, por sua vez, o desaparecimento da clássica fronteira entre *story* (descrição) e *comment* (comentário) [...]”.

¹³ Sobre os gêneros jornalísticos e essa perspectiva histórica ver Berger e Tavares (2008) e Parrat (2008).

Artigo recebido em 30/09/2009 e aceito para publicação em 15/01/2010

REFERÊNCIAS

- ALSINA, M. R. **La construcción de la noticia**. Ed. Rev. Ampl. Barcelona: Paidós, 2005.
- BERGANZA CONDE, M. R. **Comunicación, opinión pública y prensa en la sociología de Robert E. Park**. Madrid: CIS, 2000.
- _____. **Periodismo Especializado**. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias, 2005.
- _____. A contribuição de Robert E. Park, o jornalista que se converteu em sociólogo, à teoria da informação. In: BERGER, C.; MAROCCO, B. (Orgs.) **A Era Glacial do Jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p.15-32.
- BERGER, C. **Campos em confronto: a terra e o texto**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- _____. De São Paulo a Madrid. Das mediações à midiaticização, **Mediaciones Sociales. Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación**, Madrid, v. 2, p. 1-5, 1º Semestre 2008. Disponível em: < <http://www.ucm.es/info/mediars/MediacioneS2/Indice/Berger/berger.html> >. Acesso em: 13 Ago. 2009.
- _____; TAVARES, F. M. B. (Re)pensando o jornalismo: contribuições espanholas, **Lumina (UFJF)**, Juiz de Fora, v.2, n.2, p. 1-19, 2008. Disponível em: < <http://ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina> >. Acesso em: 04 Abr. 2009.
- BRAGA, J. L. Mediatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, A. S. D.; ARAÚJO, D. C.; BRUNO, F. **Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 141-167.
- BUITONI, D. Jornalismo: o tecido e o acontecido, **Revista da USP**, São Paulo, v. 1, p. 175-182, 1990.
- CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação, **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n.1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: < <http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/viewFile/54/47> >. Acesso em: 29 Set. 2009.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ERBOLATO, M. **Técnicas de Codificação em Jornalismo - redação, captação e edição em jornal diário**. 5. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2002.
- FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma “analítica” da midiaticização, **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 1, p. 89-105, 2008.
- FONTCUBERTA, M. **La noticia**. Barcelona: Paidós, 1993.
- FRANÇA, V. **Jornalismo e Vida Social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- GOMIS, L. **Teoria del periodismo. Cómo se forma el presente**. México: Paidós, 1991.
- LAGE, N. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática, 1999.
- LAGE, N. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LANDOWSKI, E. **A sociedade refletida**. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.
- LUSTOSA, E. **O texto da notícia**. Brasília: UnB, 1996.
- MAROCCO, B.; BERGER, C. A notícia como forma de controle social, **Revista Contracampo (UFF)**, Niterói, v. 14, p. 07-17, 2006.

- MARTÍNEZ ALBERTOS, J. L. **La noticia y los comunicadores públicos**. Madrid: Pirámide, 1972.
- MEDINA, C. **A notícia: um produto a venda**. São Paulo: Summus, 1988.
- MEDITSCH, E. O jornalismo é uma forma de conhecimento?, **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação (BOCC)**, p. 1-12, Setembro de 1997. Disponível em: < <http://www.bocc.uff.br/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf> >. Acesso em: 05 Maio 2009.
- MEDITSCH, E. Journalism as a form of knowledge: a qualitative approach, **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 121 - 136, 2005.
- MOUILLAUD, M. A informação ou a parte da sombra. In: _____; PORTO, S. D. (Orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: UnB, 2002a, p. 37-47.
- MOUILLAUD, M. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: _____; PORTO, S. D. (Orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: UnB 2002b, p. 49-83.
- MOURA, M. B. **Os nós da teia: desatando estratégias de faticidade jornalística**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- MUÑOZ TORRES, J. R. Aproximación al concepto de Información Periodística Especializada. In: ESTEVE RAMÍREZ, F. (Coord.). **Estudios sobre información periodística especializada**. Valencia: Fundación Universitaria San Pablo C.E.U., 1997. p. 25-41.
- PARRAT, S. F. **Géneros periodísticos en prensa**. Quito, Ecuador: Intiyan - Ediciones CIESPAL, 2008.
- PARK, R. E. A história natural do jornal. In: BERGER, C.; MAROCCO, B. (Orgs.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008a. p. 15 - 32.
- PARK, R. E. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, C.; MAROCCO, B. (Orgs.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008b. p. 51 - 70.
- PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.
- PONTE, C. **Para entender as notícias**. Florianópolis: Insular, 2005.
- QUESADA PÉREZ, M. **Periodismo Especializado**. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias, 1998.
- SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.
- TAMBOSI, O. Informação e conhecimento no jornalismo, **Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC)**, Florianópolis, v. 2, nº1, p. 31-38, 2005.
- TRAQUINA, N. As Notícias. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"**. Lisboa: Veja, 1993. p. 167-176.
- TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- TUCHMAN, G. **Producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1983.
- WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2002.